

# Manuel Duarte Baganha

(1922-2004)

Foi professor catedrático convidado e Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Economia da Universidade do Porto entre 1985 e 1992, qualificação e funções que indiciam reconhecimento das suas especiais qualidades e capacidades. Juntando a uma grande capacidade de trabalho, uma atitude de procura incessante do saber, uma vontade determinada e bem reflectida em acção, a par de uma disponibilidade permanente para o serviço público e uma notável capacidade de mentoria, evidenciou sempre especial aptidão em fazer convergir os esforços individuais em prol de mudanças para melhor. Manuel Duarte Baganha fez parte de numa elite empenhada numa espécie de apostolado cívico que se não lhe granjeou riqueza, lhe granjeou porém um reconhecimento e uma influência que se fizeram sentir bem para além da Universidade do Porto e do meio empresarial do Norte, onde no essencial foi construída a sua carreira como académico e como economista.

A sua formação específica, inicia-se com a frequência do curso comercial, de seguida pela do curso de contabilista e por fim pela do curso de economista. A formação entretanto adquirida vai sendo vivificada e complementada pelo uso que dela vai fazendo na vida prática.

Da passagem pela Escola Comercial de Mouzinho da Silveira, onde em 1939 completou o Curso Complementar de Comércio, poderá ter resultado a ascendência exercida sobre Manuel Duarte Baganha por Mouzinho da Silveira, sendo já então evidente a sua inclinação para o associativismo, designadamente com a proposta de criação da Associação dos Antigos Alunos. Nesse mesmo ano, ingressa no Instituto Comercial do Porto, onde se inscreve no Curso de Contabilista, ao mesmo tempo que se inicia no trabalho por conta de outrem, na empresa Electro Central Vulcanizadora.

No Instituto Comercial do Porto, o magistério de Jaime Lopes Amorim revelou-se decisivo para a formação de Manuel Duarte Baganha como um contabilista para quem a reflexão teórica primava sobre a mera técnica e conseqüentemente para a reflexão que como académico mais tarde irá desenvolver sobre contabilidade e cálculo de custos.

Em 1945, prestes a terminar o Curso de Contabilista, é recrutado para trabalhar na empresa MABOR-Manufactura Nacional da Borracha, de novo, e como gostava de sublinhar, na sequência de resposta a um anúncio de jornal. É precisamente aqui que Manuel Duarte Baganha se confronta pela primeira vez com os desafios práticos da contabilidade de uma empresa industrial, um confronto que se vai prolongar bem para além do quarto de século em que permaneceu na empresa.

Não dispondo no Porto da possibilidade de prosseguir estudos superiores de comércio, em virtude da extinção em 1933 do Instituto Superior de Comércio do Porto e do subsequente protelamento do projecto de criação de uma Faculdade de Ciências Económicas e Financeiras na Universidade do Porto, a ânsia de saber Manuel Duarte Baganha leva-o a frequentar os cursos organizados pelo Centro de Estudos Económicos e Financeiros da Associação Comercial do Porto. Livres e gratuitos, os cursos tinham em vista a divulgação das ciências económicas e financeiras e inseriam-se num vasto movimento em prol da criação de estudos superiores nestas áreas na cidade do Porto, no qual aliás Manuel Duarte Baganha directamente se envolveu. Organizados a partir de 1947, os cursos perduraram até 1953, ou seja, o ano da criação da Faculdade de Economia na Universidade do Porto (FEP).

A ânsia de saber de modo algum se confinava às áreas inerentes à sua habilitação de carácter profissional, mas estendia-se igualmente às várias dimensões da cultura que em seu entender deveria ser levada para o exercício de qualquer profissão. Essa ânsia cultural levou-o então a frequentar os Cursos de Literatura Portuguesa e História de Portugal, organizados entre 1947 e 1953, pelo Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto. Estes cursos eram parte integrante do movimento em prol da reabertura da Faculdade de Letras, criada em 1919 e extinta em 1928, o qual surge desde o início intimamente ligado ao movimento que culminou com a criação da Faculdade de Economia em 1953. Um outro exemplo tem a ver com a descoberta do pensamento de António Sérgio em 1945, poucos meses depois de se habilitar formalmente como contabilista e de começar a trabalhar na MABOR. António Sérgio permaneceria como vulto de referência até ao fim da vida de Manuel Duarte Baganha, de quem, juntamente com Mouzinho da Silveira e Beethoven, dizia que eram “os meus deuses”. Um outro bom exemplo passa pelo seu envolvimento na fundação do Teatro Experimental do Porto no início da década de 1950.

Já casado e com filhos, abre-se-lhe a oportunidade da formação a nível superior, com a criação da Faculdade de Economia na Universidade do Porto, onde em 1953 se inscreve como aluno do primeiro Curso de Licenciatura em Economia. A formação anteriormente recebida no Curso Complementar de Comércio e no Curso de Contabilista é agora aprofundada sob a influência do magistério de José António Sarmiento e enquadrada pelo predomínio da ciência económica, assumindo particular relevo o desempenho alcançado nas disciplinas de Teoria da Contabilidade, de Contabilidade Aplicada e de Economia da Empresa. Como ele próprio recordará, “foi o licenciado que no período de vigência do plano inicialmente estabelecido para a Faculdade (1953 a 1974) obteve a mais elevada classificação (...) nas disciplinas que constituíam então o 4º Grupo (Contabilidade e Economia da Empresa)”, ou seja, dezassete em vinte valores. Este desempenho excepcional denota bem o aproveitamento que soube retirar do trabalho que cumulativamente continuava a desempenhar na

MABOR, mas prenuncia igualmente a linha de rumo que irá imprimir à sua carreira de economista após o termo da licenciatura em 1958, onde claramente se destaca a reflexão sobre a contabilidade e o cálculo de custos em empresas industriais.

Essa reflexão vai no essencial desenvolvê-la na FEP, onde como docente ingressou em 1961 e permaneceu até à jubilação em 1992, no âmbito da leccionação da disciplina sucessivamente denominada Contabilidade Aplicada e Contabilidade de Custos, com um breve interregno entre Dezembro de 1974 e Fevereiro de 1978. A forma como a partir do ano lectivo de 1969/1970 regeu esta disciplina está na origem do respeito e da admiração que sucessivas gerações de alunos da FEP tributam a Manuel Duarte Baganha, não obstante o facto de muitos considerarem a disciplina um dos “cadeirões” do curso, com um grau de exigência compaginável com a personalidade forte do regente que num determinado ano levaram mesmo alguns à recusa da feitura de uma prova escrita de avaliação.

No relacionamento com os alunos, Manuel Duarte Baganha norteava-se pelos ensinamentos de António Sérgio, para quem “[u]m dos maiores erros em que é fácil cair, sempre que se trata de instruir os jovens, é procedermos como se a transmissão do saber fosse o próprio escopo do trabalho escolar - e considerarmos o intelecto daquele que educamos como sendo um meio para adquirir noções. Contra tal erro, repetamos que na educação o conhecimento é paquete, e a inteligência, porto; que a aquisição de conhecimentos deve ser um meio (só um pretexto) de treinar o espírito do estudante para o gozo da actividade espiritual”. Daí que Manuel Duarte Baganha sacrificasse a mera exposição didáctica de modos de resolver exercícios ao rigor da análise, que sustentasse que “[n]ão há nada com mais interesse prático do que uma boa teoria”, e que acreditasse que “[h]á sempre [um aluno] que está diante de nós que é melhor do que nós”.

Além de se preocupar em incentivar os alunos a pensar por si próprios, Manuel Duarte Baganha acompanhava de perto todos aqueles em que descobria a seriedade e o rigor que a si próprio impunha no exercício das suas funções docentes, o que lhe permitiu mentorar sucessivas gerações de estudantes da FEP, nomeadamente recomendando-os a quem se lhe dirigia solicitando ajuda na procura de economistas para os quadros das mais variadas empresas e instituições.

Em situações de conflito, evidenciava uma disponibilidade sem limites para o diálogo, uma vez garantidas as imprescindíveis condições de urbanidade, a par de uma inflexibilidade assente em sólidas convicções democráticas e princípios éticos de que não abdicava mesmo em situações extremas. Vale a pena recordar a este propósito os testemunhos de Manuel Duarte Baganha sobre duas situações de crise. No decurso da crise académica de 1969 que também afectou a FEP, quando interpelado por uma aluna no início de uma aula, no sentido de transformar a aula num debate, a sua primeira reacção foi de recusa. Ao argumento de que “a academia está de luto (...) e decretou

que hoje as aulas seriam transformadas em debates sobre a situação da Universidade”, retorquiu que “as decisões das assembleias de estudantes, quando representativas, obrigavam os estudantes mas não obrigavam os docentes e que, portanto, àquela hora e naquele local se trataria do tema previsto no programa; que estava disponível para debater com eles, estudantes, a situação, mas não em substituição da aula”. Mudou porém de opinião no decurso da interpelação, na sequência do desabafo, em voz quase inaudível, de um aluno sentado na primeira fila – “vimos para a aula e aparecem estes parvos a querer debates!”. Contrapôs então que anuiria à proposta de debate, desde que os estudantes se comprometessem “a não referirem aqui a qualquer docente desta casa que não seja eu próprio”. Aceite a condição, “a aula foi transformada em vivo debate - com aparente desgosto do estudante que motivara a minha resposta”.

Um outro testemunho igualmente exemplar tem a ver com a situação na FEP, nos meses que se seguiram ao 25 de Abril de 1974. Logo em Maio, em Assembleia Magna, “decidiram os estudantes da Faculdade, além do mais, a constituição de um ‘Conselho de Faculdade’, de que fariam parte, a par dos seus representantes eleitos, todos os docentes”. Manuel Duarte Baganha entendeu por bem não integrar o órgão de gestão assim criado, invocando as “As circunstâncias em que decorreu aquela assembleia, os princípios nela votados para solução dos problemas do ensino, o programa de trabalhos fixado para aquele Conselho e as regras estabelecidas quanto ao funcionamento do mesmo”. Em consequência da recusa, “os estudantes votaram a sua ‘expulsão’ do corpo docente da faculdade”, em Assembleia Magna realizada em Julho, e o “Conselho Directivo – órgão legalmente encarregado do governo da Faculdade” decidiu não lhe distribuir serviço algum. Confrontado com a impaciência dos estudantes “em ver o assunto resolvido” e a delonga “no julgamento a proferir (...) pela Comissão Nacional encarregada do saneamento do Ministério da Educação e Cultura”, optou por apresentar um pedido de licença sem vencimento em Outubro. Assim achava que se poderia compatibilizar “o [seu] inalienável direito a um imparcial e sereno julgamento (...) com os interesses do erário público, que os estudantes pretendem acautelar”. O pedido foi superiormente deferido em Dezembro, o julgamento pretendido continuou a tardar, e em Setembro de 1975 o Conselho Directivo declarou não estar a Faculdade interessada em renovar o vínculo contratual que Manuel Duarte Baganha ainda mantinha com a FEP, com o argumento de que deixara de exercer funções a partir de Maio/Junho de 1974. Consumava-se assim, por iniciativa das novas autoridades da FEP, um interregno na docência que iria durar até Fevereiro de 1978, apesar de o retorno à escola lhe ser anterior, em virtude da nomeação ministerial para fazer parte da Comissão de Reestruturação criada na sequência do fecho da FEP em finais de 1976.

Retomada a docência na FEP no ano lectivo de 1978-1979, Manuel Duarte Baganha persiste no desenvolvimento curricular da disciplina que contribuiu para designar de Contabilidade de Custos, assente na procura da “fundamentação teórica das técnicas do

cálculo de custos”, no recurso à formalização matemática e na concepção de quadros tecnicamente adequados para exprimir tarefas calculatórias – vulgo QTAs, entre os alunos. Acaba por construir um sistema de custeio original, onde se observa a influência decisiva do pensamento de Jaime Lopes Amorim e de José António Sarmento, designadamente na ênfase colocada em “modelos gerais e teorização”. Parco a escrever e ainda mais relutante a publicar, apresenta não obstante os traços gerais desse sistema em três trabalhos dados à estampa em 1972 e 1973, a que se seguiram mais dez entre meados da década de 1990 e inícios da de 2000. Lamentavelmente, malogrou-se o intento de “publicação de um manual de Contabilidade de Custos”.

No sistema de custeio que Manuel Duarte Baganha foi desenvolvendo ao longo de várias décadas, a fundamentação teórica das técnicas do cálculo de custos deriva dos ensinamentos da ciência económica, os quais lhe vão permitindo “sublimar a prática na teoria, ensinando a realidade mediante os modelos da empresa que permitem a sua exposição perfeita, a um tempo sintética, porque simplificadora, e analítica, uma vez que consegue albergar as minúcias da organização produtiva”. Esta capacidade de “sublimar a prática na teoria” assenta na imbricação permanente da sua carreira académica e da sua carreira profissional, desde os tempos do Instituto Comercial do Porto e do concomitante trabalho por conta de outrem na Electro Central Vulcanizadora.

De especial importância para a compreensão do percurso académico e profissional de Manuel Duarte Baganha se reveste a passagem pela MABOR. É recrutado em 1945 como contabilista, com a categoria de Adjunto da Direcção, tornando-se “especialmente responsável pelo departamento de contabilidade industrial”. Em 1961, já como economista, é promovido a Director-Geral, tornando-se “responsável por vários departamentos, entre os quais os de contabilidade”. Em 1967, é encarregado da coordenação do Gabinete de Estudos então criado para “apoio à acção e organização administrativa”. Terá sido na MABOR que Manuel Duarte Baganha teve a primeira oportunidade de montar um sistema de custeio adequado às necessidades de uma empresa industrial de relevo nacional, no quadro de condicionalismos internos e externos em constante mudança. Terá sido na MABOR que Manuel Duarte Baganha começou a acumular os conhecimentos sobre a realidade empresarial que serviriam de lastro à reflexão sobre sistemas de custeio que no essencial vai ser feita ao longo dos anos de docência na FEP. Com a saída da MABOR em 1972, a prestação de serviços enquanto economista passou fundamentalmente a fazer-se como trabalhador independente, sob a forma de consultoria económica e financeira.

No sector privado, os serviços de Manuel Duarte Baganha foram procurados por importantes empresas dos mais variados sectores, entre as quais se podem incluir o Banco Borges e Irmão, a BIAL, a Celnorte ou a Siemens. No pós-25 de Abril, sucessivos governos recorreram aos seus serviços, escolhendo-o para a coordenação do

processo de avaliação de empresas nacionalizadas e subsequente indemnização aos ex-accionistas, atribuindo-lhe a Presidência da Comissão de Fiscalização do Banco Borges e Irmão ou integrando-o no grupo de trabalho encarregado do processo de reestruturação do sector de extracção e transformação de ardósia.

Em 1973, solicita Manuel Duarte Baganha a sua inscrição na Lista dos Revisores Oficiais de Contas e preside mesmo ao primeiro Conselho Directivo da Câmara dos Revisores Oficiais de Contas entre 1974 e 1976, pese embora o facto de o exercício efectivo da profissão de Revisor Oficial de Contas apenas ter começado em 1977. Não ficou por aqui o seu envolvimento na criação de associações de cariz profissional, como foi o caso anos mais tarde da Associação Portuguesa de Analistas Financeiros, onde foi sucessivamente Presidente da Assembleia Geral, Presidente do Conselho Fiscal e Membro do Conselho Geral.

Cumprе igualmente relevar o envolvimento de Manuel Duarte Baganha na gestão universitária no quadro da Universidade do Porto, de que dão testemunho o exercício do cargo de Presidente do Conselho Directivo da FEP entre 1985 e 1992, a redacção dos Estatutos da FEP em 1990, a qualidade de membro da Direcção do Instituto Superior de Estudos Empresariais a partir de 1989, ou a elaboração em 1993, a pedido da Reitoria, de um ante-projecto de plano contabilístico para as universidades portuguesas que foi acolhido pelo respectivo Conselho de Reitores e posteriormente encaminhado para a Comissão de Normalização Contabilística.

Já depois da saída da Universidade do Porto para a aposentação, por entretanto ter atingido o limite de idade, não deixou Manuel Duarte Baganha de ver os seus méritos publicamente reconhecidos. Logo em 1993, é contratado pelo Centro Regional do Porto da Universidade Católica, onde permanece até 1999, quando de novo atinge o limite de idade que o força à saída. Aqui retoma a docência “como regente das disciplinas de Contabilidade Analítica e de Controlo de Gestão”, tendo também leccionado “disciplinas contabilísticas no curso de Pós-Graduação em Gestão para licenciados em Direito”. Em 1995, é chamado pelo Conselho de Avaliação da Fundação das Universidades Portuguesa para presidir à Comissão de Avaliação Externa dos Cursos de Licenciatura em Economia do Sector Público e da Universidade Católica, bem como para integrar a Comissão de Avaliação Externa dos Cursos de Gestão do Sector Público. O mesmo se diga, sobre a sua colaboração no mesmo ano, como consultor, “no projecto de reorganização da Universidade de Agostinho Neto, Luanda, adjudicado, ao abrigo de um programa do Banco Mundial, à Universidade do Porto”.

A eminência de Manuel Duarte Baganha não se deve apenas ao percurso académico e profissional atrás esboçado, mas releva igualmente de um igualmente longo percurso de cidadania activa em prol do avanço civilizacional, por meio da participação cívica de cariz cultural, social e política. Menos bem conhecido, este último percurso surge no

entanto assinalado através de testemunhos avulsos que convirá aprofundar em ocasião oportuna.

Da participação cívica de cariz cultural e científica dá conta o envolvimento em associações tão diversas quanto a Fundação Bial, em que exerceu funções de Administrador; o Orpheon Portuense, em que exerceu as funções de Presidente do Conselho Fiscal; o Teatro Experimental do Porto, a Sociedade da Língua Portuguesa e a Liga dos Amigos do Coliseu, as quais ajudou a fundar, tendo no último caso exercido funções de Presidente do Conselho Fiscal; a Fundação Júlio Resende – O Lugar do Desenho; a Fundação Serralves; a Unicepe – Cooperativa Livreira dos Estudantes do Porto.

Da participação cívica de cariz social dá conta o seu envolvimento nas seguintes associações: Associação Benéfica dos Empregados de Escritório do Porto, Benéfica e Previdente Associação Mutualista, Liga de Profilaxia Social (de que se tornou sócio honorário), Liga dos Amigos do Hospital de Santo António, Associação dos Tuberculosos do Norte de Portugal

A participação cívica de carácter política é aquela que conferiu indiscutível notoriedade pública a Manuel Duarte Baganha, em consequência dos três mandatos sucessivos que exerceu como Presidente da Assembleia Municipal do Porto, entre 1990 e 2002.

Ainda em vida, Manuel Duarte Baganha viu o seu percurso de vida publicamente reconhecido. Assim aconteceu com a atribuição do grau de Grande Oficial da Ordem de Mérito, em Junho de 1995. Assim aconteceu também com a homenagem promovida pelo Centro Regional do Porto da Universidade Católica em Dezembro de 1999, no decorrer da qual lhe foi atribuído o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Em 2005, já depois da sua morte, por iniciativa da Comissão de Toponímia da Câmara Municipal do Porto, foi atribuído “o topónimo de Rua Professor Manuel Baganha – Economista 1922-2004” a um arruamento na Freguesia de Campanhã”. Em iniciativa paralela, o Mercado Abastecedor do Porto, providenciou no sentido de instalar “a sinalética que identifica com o nome do Sr. Prof. Manuel Baganha a Avenida principal desta grande plataforma comercial que é o Mercado Abastecedor do Porto”.

Pode bem dizer-se que a Manuel Duarte Baganha faltava apenas o reconhecimento ao mais alto nível da sua alma mater, o que com a homenagem agora em curso, enquanto Figura Eminente da U.Porto para 2015, se procura fazer.

**Maria de Fátima Brandão**

Comissária da Homenagem